

CONTINUAÇÃO DO TEXTO

"A ROTA DA SEDA, O COLAR DE PÉROLAS E A COMPETIÇÃO PELO
ÍNDICO"

(ÚLTIMA PARTE)



Estas "fundações privadas" não só operam em países estrangeiros para forçar mudanças geopolíticas (por exemplo, a "primavera árabe" de 2011 ou as "revoluções de cores" na Eurásia), mas que se envolvem em operações de engenharia social cujo objetivo é mudar o comportamento de povos inteiros, geralmente com finalidades de dominação por parte da Alta Finança. Assim, a Ford Foundation foi um dos motores do que seria chamado de "libertação da mulher", junto com a CIA.

No caso de Aung San Suu Kyi, podemos destacar vários fatos obscuros que vem a roubar-lhe essa aura de altruísmo e santidade que Washington colocou sobre sua cabeça por meio de photoshop propagandístico:

- Suu Kyi, uma antiga agente da ONU com amplos e poderosos contatos internacionais, **nunca havia protestado pela violência étnica contra os muçulmanos rohingya** (700 mortos, 1.200 desaparecidos, 90.000 deslocados e milhares de casas destruídas), aos quais eles fazem a vida impossível no intento de expulsar-los do estado de Rakhine. Numa entrevista ao periódico britânico *"The Guardian"* em junho de 2012, declarou que "não sabia" se os rohingya podiam ser sequer considerados cidadãos birmanos.

- **Somente protestou pelas repressões da junta militar** quando esta reprimiu protestos anti-chineses - por exemplo, durante manifestação em mina de cobre chinesa em Monya em novembro de 2012, na qual foram feridos vários monges budistas. A Liga Nacional pela Democracia se revela aqui como um ramo do Departamento de Estado dos EUA, cujo objetivo é acabar com o nacionalismo birmano e com os líderes que miram pelo interesse nacional da Birmânia, para instalar um regime cliente de Londres e Washington. O material propagandístico financiado pelo Departamento de Estado sugere que a junta militar birmana é vista como uma armadilha para a integração da Birmânia como mais uma província do Globalistão. Assim, a *Associated Press* descreveu esta imagem como uma manifestação de monges budistas contra a violência étnica, quando em realidade buscam é a expulsão dos refugiados da Birmânia, e só protestam contra o uso da força por parte do exército birmano para evitar que os refugiados sejam atacados.

- Suu Kyi mostrou sua **vasalagem ao império atlantista** tentando remover os investidores das firmas chinesas e desestabilizando os projetos chineses (como a mencionada mina de cobre e a represa de Myitsone), criticando a MOGE (Empresa de Petróleo e Gás do Myanmar, nacional), enquanto fala maravilhas de petroleiras ocidentais como Chevron, Total, Shell e ConocoPhillips.



Depois de sua fama de "lutadora não violenta" e "ativista dos direitos humanos", Suu Kyi em realidade esconde uma mulher criada desde pequena ao amparo da diplomacia internacional, a qual jamais se havia posto a mão em cima - a diferença de dezenas de milhares de birmanos - e que havia elogiado sua "prisão" confortavelmente em sua própria e luxuosa casa. O rosto de Suu Kyi é, em realidade, o da interferência do atlantismo nos assuntos internos do continente eurasiático, numa projeção de "poder brando" em consonância com uma opinião pública ocidental decadente, pacifista e afeminada, e na perseguição das etnias que discordam da globalização no Sudeste Asiático, como os muçulmanos rohingya, aos quais Suu Kyi não considera sequer cidadãos birmanos, expostos ao saque e ao abuso por parte de grupos radicais budistas. A revista "Time" é propriedade do mega-consórcio midiático **Time Warner Inc.** de Manhattan, o segundo gigante mundial dos meios de comunicação depois da Disney.



A queda do Império Britânico foi compensada pela manutenção do sutil império plutocrático da *City* de Londres. A Birmânia pertenceu ao Reino Unido durante a era colonial, o pai de Suu Kyi "negociou" a independência da Birmânia com os britânicos, e ela mesma não podia deixar de prestar homenagem a seus verdadeiros mestres. Aqui se deixa ver com a família real britânica.

também no controle de inundações, escavações de canais e condicionamento de rios para a navegação. A interferência do atlantismo nos "assuntos hídricos" da China tem sido particularmente evidente no caso da barragem de Myitsone, no rio Irrawaddy, no instável estado de Kachin, ao norte do país. A barragem, destinada a ser o décima quinta maior do mundo, e poderia produzir de 3.600 a 6.000 megawatts de eletricidade (compara-se com a central térmica de Las Puntas na Espanha, com 2.200 MW, a maior chaminé da Europa e com poluição sendo despejada continuamente), principalmente para o uso chinês (pagando impostos ao governo birmano) na província de Yunnan. A China havia previsto o custo da obra em mais de 4 bilhões de dólares.

O projeto pronto se converteu num pivô diplomático para os EUA e a "comunidade internacional". Várias ONGs estadunidenses, junto com Suu Kyi, conspiraram para deter o desenvolvimento dos rios birmanos por parte da China, especialmente a barragem de Myitsone: a *Kachin Development Networking Group* e a *Burma River Network*, esta apoiada pela *International Rivers*, por sua vez financiada pelas "fundações" como a *Ford Foundation*, *Sigrid Rausing Trust*, *Tides Foundation* e a *Open Society Institute* (agora chamada *Open Society Foundations* u OSF) de George Soros. Os motivos que alegaram foram "sociais" e "ambientais". É inegável que a civilização moderna está carregando o planeta com a falácia do "crescimento econômico" e com seus projetos heréticos de domínio da Natureza sem submeter-se a ela, mas o que chama a atenção aqui é a contradição destes organismos: enquanto que os EUA mantem 75.000 barragens, parece que a Birmânia não pode construir mais de 40 sem deixar nervosos *Wall Street* e a *City*.



Localização do rio Irrawaddy e da represa de Myitsone, no estado de Kachin.

Diz um revelador artigo de Tony Cartalucci, analista geopolítico baseado em Bangkok:

"Naturalmente, a razão primária pelo quais os globalistas financiam as ONGs da "sociedade civil" é para subverter e substituir totalmente o governo soberano funcional de uma nação designada. Então entrelaçam sua "sociedade civil" com uma rede de administração global homogênea que, por sua vez, responde a "instituições internacionais" artificiais, como o Tribunal Criminal Internacional ou a ONU. Quando se estabelece plenamente o financiamento estrangeiro, este Estado assume a agenda de seus patrocinadores estrangeiros, geralmente sob a cobertura de inquietudes sobre direitos humanos ou meio ambiente, ou no caso da barragem de Myitsone, de ambos."

Suu Kyi não podia faltar a este evento tão crucial e fez o que pode para agitar contra a construção da obra. Em abril de 2011, dez bombas explodiram perto da barragem, e em setembro, a britânica BBC pode anunciar orgulhosamente colocar em "standby" o projeto hídrico, agradecendo a vários atores regionais, incluindo a *Kachin Independence Organization* (milícia separatista de Kachin), empenhados, graças ao dinheiro da *Foreign Social Development Aid* e similares quimeras, na balcanização da Birmânia. Meses depois, o *Wall Street Journal* (17/11/2011) denominaria a Birmânia de "o último grande mercado da fronteira da Ásia", descrevendo seu "potencial" como "muito grande para que os investidores a ignorem".

A detenção do projeto hidroelétrico foi claramente o pedágio que teve que pagar a diplomacia birmana para congraciar-se com o Ocidente. Quando Naypyidaw (a capital birmana) levou a sério a medida, seguramente intimidada já pela fulminante destruição da Líbia, os EUA optaram por aprovar os "esforços em democratizar" da Junta militar birmana, removendo o país de sua lista de inimigos mortais, pondo um embaixador pela primeira vez em 22 anos e mandando a Secretária de Estado Hillary Clinton em soporífera visita oficial. Clinton inclusive chegou a declarar: "Hoje dizemos ao negócio americano: invistam na Birmânia!" (NYT, 17/5/2012), sugerindo que "finalmente" o país havia se "aberto" ao comércio internacional. Pouco depois, o britânico William Hague fez outro tour diplomático, sendo o primeiro ministro de assuntos exteriores de seu país a visitar Birmânia em 56 anos.

Desde o acontecimento crucial em 2011, as autoridades birmanas haviam começado a vender edifícios governamentais, instalações portuárias, suas linhas aéreas nacionais, minas, terras de cultivo, a rede de distribuição de combustível e as fábricas de refrescos, cigarros e bicicletas. Inclusive se abriram aos poucos as portas da saúde e da educação aos investidores privados. Também se aprovou uma lei de investimento estrangeiro para permitir a entrada de bancos e companhias de telecomunicações. A Birmânia inclusive tem sido eleita para acolher a cúpula da ASEAN em 2014 e sua integração na organização começará em 2015.

Apesar destes gestos, os EUA renovaram em 2012 as sanções econômicas contra a Birmânia, possivelmente em parte devido as boas relações do país com o proscrito da globalização, a Coreia do Norte, e definitivamente também porque a China segue adiante com o gasoduto.

- **Kachin** é um dos estados birmanos fronteiriços com a China. Este estado em particular é cruzado por vários rios de origem tibetana, nos quais a *Asia World Company*, a *China Power Investment Corporation* e o Ministério de Energia Elétrica da Birmânia estão ativamente implicados em diversos projetos hídricos. Por Kachin também transitariam todos os projetos energéticos e comerciais sino-birmanos que temos visto (gasoduto, oleoduto, estradas, ferrovias, corredor comercial). É suficiente dizer que, num esforço por romper o elo natural formado pelos rios sino-birmanos, Kachin está sendo desestabilizada pela chamada *Kachin Independence Organization* (KIO), uma guerrilha separatista.

- **O projeto de Dawei.** A construção pelos japoneses de uma ponte sobre o rio Kwai em 1942-43 - utilizando como mão de obra escrava os prisioneiros aliados para completar a chamada ferrovia da morte - é um dramático testemunho histórico sobre as dificuldades geográficas na fronteira birmano-siamesa. Sete décadas depois daqueles eventos, o Japão voltou à região, desta vez como patrocinador de um novo corredor comercial no qual a cidade costeira birmana de Dawei (antiga Tavoy) será uma importante chave. Dawei se encontra em uma região isolada e pouco desenvolvida da Birmânia, que só

recentemente se relacionou com o resto do país com uma ferrovia e uma estrada. Contudo, num futuro próximo, Dawei pode converter-se em um dos extremos de uma ponte terrestre que viria a ser uma versão mais setentrional do canal de Kra, para conectar-se, entre outros, com um porto tailandês desenvolvido pela China, o Laem Chabang, mencionado acima. De momento, um navio leva 10 dias de Laem Chabang aos portos orientais da Índia. O projeto de Dawei poderia encurtar a viagem em três dias. E se falamos de mercadorias chinesas e japonesas, o recorte é ainda maior graças aos prolongamentos do corredor no Camboja e Vietnã.



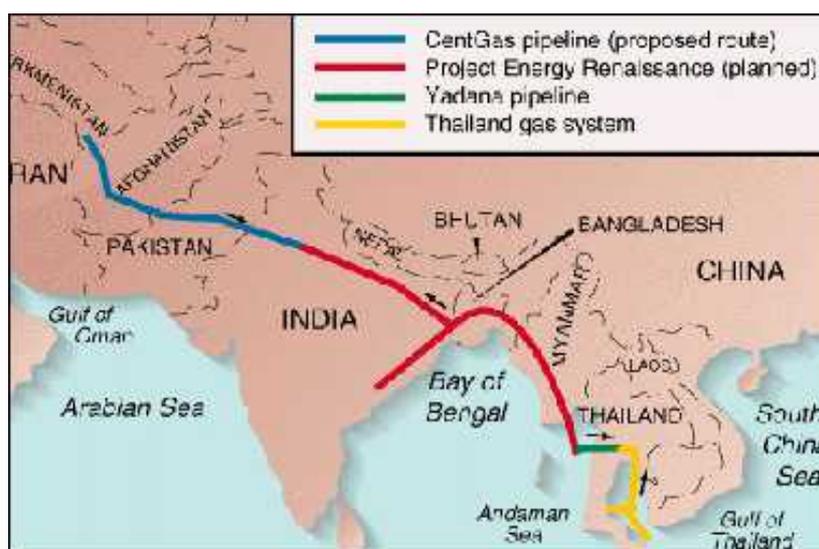
Quando Henry Kissinger convenceu Nixon para empreender sua campanha de bombardeios secretos no Camboja, provavelmente teria em mente evitar que se chegasse a consolidar, especialmente sob influência soviética, um espaço econômico similar ao que vemos na imagem. Esse corredor comercial evita o fatal, pirateado e congestionado estreito de Málaca e seu guardião regional, Cingapura, ofertando ao comércio internacional uma rota muito mais curta e rápida entre o Mar do Sul da China e o Índico. O Arco de Andamão adquirirá enorme importância se este projeto levar-se ao término com êxito. Se prevê promulgar leis para converter Dawei em uma Zona Econômica Especial - a primeira da Birmânia. Nota-se também o projeto tailandês de construir uma ferrovia desde **Pak Bara** até Kunming, que pode ser interpretado como outra estratégia da China para saltar ao estreito de Málaca, diversificar suas rotas e isolar Cingapura. Nota-se como Bangkok se encontra na encruzilhada das rotas. Fonte do mapa: *Italian-Thai Development* e *"Bangkok Post"*.

Como parte de um projeto de dez anos, um total de 80 bilhões de dólares e que dará trabalho a 30.000 trabalhadores, prosseguem as escavações de vinte túneis nas montanhas da complicada fronteira birmano-siamesa, esvaziando-se 40 mil hectares de terreno em Dawei (incluindo 250 km² para indústrias) que serão preenchidos com refinarias, complexos petroquímicos, usinas, rodovias, ferrovias, oleodutos, gasodutos e um porto de águas profundas. O principal promotor do projeto é a *Ital-Thai Industrial Co.*, uma multinacional baseada na Tailândia e com participação italiana, mas também tem a participação do veterano Japão, que já se faz presente na Birmânia através de multinacionais como Hitachi, Marubeni e Sojitz, e que também está hereticamente

interessado em diversificar suas rotas comerciais, bastante dependentes de Málaca. Esta tendência de Tóquio a envolver-se na Lestásia (Ásia Oriental) nunca havia sido do agrado do atlantismo.

É de se prever que o atlantismo alimentará insurgências locais em pleno corredor comercial, especialmente a guerrilha separatista de Karen na Birmânia, que controla parte da região por onde passará a estrada. O atlantismo seguramente assustará os investidores questionando a confiança do Estado birmano, apresentará dúvidas ambientais e trará a questão dos direitos humanos da população local deslocada pelas obras. Se o projeto de Dawei e o corredor comercial ao Mar do Sul da China chegar a se completar, toda a paisagem do comércio internacional mudará drasticamente e as fichas do Sudeste Asiático serão reorganizadas de forma radical [7].

Como temos visto, a Birmânia é simplesmente a rota mais curta desde os grandes centros econômicos chineses até o Índico. Tem quase 15.000 km de costa no Índico, quase tanto como os 17.000 km da vizinha Índia. Como tal, é inegável que ao eixo atlantista convém a desestabilização e/ou bloqueio e/ou conquista diplomático-comercial do país, assim como convém a desestabilização do Paquistão. Os motivos são idênticos: evitar que a China obtenha a saída pelo Índico sobrepassando o estreito de Málaca e seu parasita financeiro Cingapura, e frustrar a construção de um bloco regional econômico controlado por Beijing - um império chinês bi-oceânico (indopacífico). O atlantismo manipula todos os elementos possíveis na zona (diferenças étnicas e religiosas, grupos terroristas, fundamentalismo, atentados, milícias narcoguerrilheiras, sabotagem de projetos hídricos chineses, etc.) e nada satisfaria mais Washington se a Birmânia se instabilizar-se ao ponto de que tivesse que estabelecer uma base militar estadunidense no país - quanto mais perto das plantações de ópio na fronteira com a China, melhor. E, como ocorre na Colômbia ou no Afeganistão, essa presença militar não reduziria totalmente o narcotráfico, mas o impulsionaria. Se a isto somarmos que a Birmânia é rica em petróleo, gás natural, carbono, zinco, cobre, níquel, pedras preciosas, lenha e potencial hidroelétrico (quase 40.000 megawatts), assim como depósitos de urânio, o panorama se complica mais.



As intenções do atlantismo no Sul da Ásia provavelmente caminham na direção de roubar o gás da Ásia Central e do Cáspio e mandá-lo ao Índico e Sudeste Asiático, para unir a Índia com a Asean, criando um bloco regional que detenha o avanço da China pelo Sul. Contudo, seria necessário que mudasse muito o clima geopolítico na região para que isto ocorra. A principal multinacional interessada neste projeto seria a Unocal (atualmente parte da Chevron, uma das muitas filhas da antiga Standard Oil dos Rockefeller), que possui ações na maioria dos gasodutos e que tem estado muito envolvida no Afeganistão.

BANGLADESH: O PESCOÇO DE FRANGO

O que melhor descreve a importância de Bangladesh não é tanto sua extensão, mas sua população: o país tem 150 milhões de habitantes (a maioria muçulmanos), mais que a vasta Rússia. Tem, portanto, a duvidosa honra de ser dos Estados mais densamente povoados do mundo, algo representativo da reprodução irresponsável e desmensurada do Terceiro Mundo. Esta praga de crescimento demográfico e reprodução da pobreza está em plena sintonia social com sua contrapartida econômica: crescimento indefinido, mão de obra barata e dumping social, com o objetivo de que as multinacionais escravistas (incluindo a espanhola Inditex) possam vender às massas consumistas e zumbis do Ocidente um produto, geralmente têxtil, *made in Bangladesh*. O sistema capitalista neoliberal e globalista baseado no Ocidente é muito sensível ao que se sucede nos países como este.



As cenas acima são da capital Dhaka, mas poderiam perfeitamente ser de Calcutá ou qualquer outra cidade superpopulosa do sul da Ásia. A multiplicação humana e massificação insana que tem lugar nesta região é muito representativa de uma civilização que só pode sustentar-se artificialmente a base de cereais, hidrocarbonetos, dívidas, consumismo, contaminação, condições de vida miseráveis, escravidão, vulgarização racial e outros becos sem saída da evolução humana, agrupados sobre a eufemística etiqueta do "desenvolvimento sustentável". Este quadro social convém a alta finança: quando uma maioria se faz muito pobre, inevitavelmente uma minoria se faz muito rica. Equiparar 150 milhões de pessoas ao nível de vida da classe média do Ocidente não seria sustentável em um país como Bangladesh [8].

Bangladesh, a rota mais curta do Tibete ao Índico, tem uma história muito entrelaçada a antiga tradição hindu (mencionada na *Ramayana* e na *Mahabharata*), aos sultões islâmicos medievais de Bengala, a Companhia Britânica das Índias Orientais (conquistada em 1757) e as três potências nucleares modernas: China, Índia e Paquistão. O país se constituiu com o nome de "Paquistão Oriental" em 1947, sob a mesma autoridade estatal do "Paquistão Ocidental", até que uma cruel guerra os separou definitivamente em 1971.

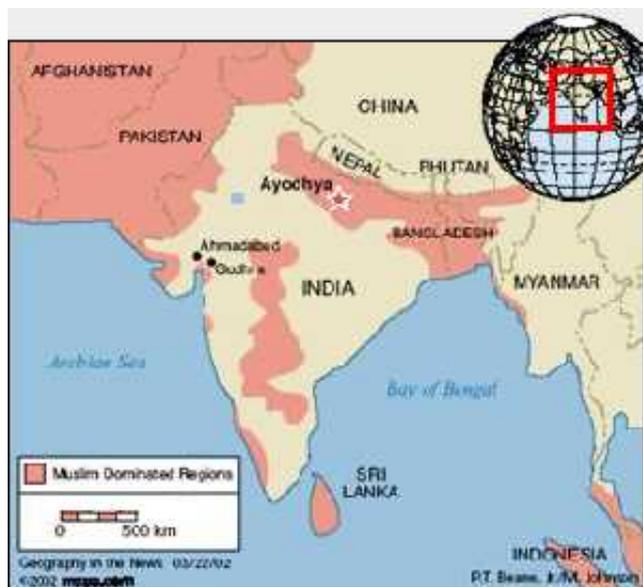
Junto com Paquistão e Sri Lanka, Bangladesh ou "País de Bengala", é resultado da intriga britânica. Atormentando a Índia com os países muçulmanos e promovendo as lutas sectárias dentro da própria Índia, Londres evitava a aparição de um Estado hindu claramente hegemônico no Índico e sul da Ásia. No caso de Bangladesh, seu papel consiste em arrebatado à Índia uma terra plana, fértil e de costa muito acessível, que poderia unir facilmente a Índia propriamente dita com suas problemáticas e isoladas províncias orientais. Devido à Bangladesh, estas províncias só são unidas a Índia por uma faixa de 30 km de largura: o **Corredor de Siliguri**.



As províncias do noroeste da Índia, chamadas as "Sete Irmãs", formam uma região problemática (insurgências guerrilheiras, conflitos territoriais com a China, microclima, isolada) de 40 milhões de habitantes, se encontra separada do resto do país pelo corredor de Siliguri ou "Pescoço de Frango" (círculo vermelho), um estreito corredor estreitado entre Nepal e Bangladesh, cujo domínio deve de ser uma enorme tentação para Dhaka e, através dela, para Beijing. Por "culpa" da Índia, a fronteira bangladeshiana se encontra a 22 km de Nepal, 30 km do Butão e 100 km da China. Compartilhar fronteiras com estes países faria de Bangladesh uma rota privilegiada de trânsito desde China até o Índico, e de fato, nos tempos da Rota da Seda, por Bangladesh transitava uma importante ramificação terrestre que a conectava à Rota das Especiarias. Tecnicamente, Bangladesh é a saída marítima natural das sete províncias hindus.

Outro aspecto da interação entre Bangladesh e Paquistão é a tendência a utilizar as populações muçulmanas da Índia (com cerca de 180 milhões de muçulmanos, a Índia é o terceiro país islâmico do mundo, depois de Indonésia e Paquistão) - especialmente as do arco superpopuloso em torno da cordilheira do Himalaia - como ponte entre ambos os países, tendendo a separar a Índia da China (no Cinturão de Gelo) e a criar uma ponte terrestre entre o Mar Árabe e o Golfo de Bengala. Este conceito geopolítico havia recebido o nome de Mugalstão ou Mogulstão. Não é de estranhar, portanto, que o

wahhabismo-salafismo (a mesma marca do Islã da Al-Qaeda) havia sido exportado tanto para Bangladesh quanto ao Nepal e Caxemira, estabelecendo numerosas madrassas e mesquitas irrigadas abundantemente com petrodólares sauditas. Possível meta: a paquistanização da Índia.



Populações muçulmanas da Índia. Estas populações tendem a criar uma ponte entre Bangladesh e Paquistão, isolando catastróficamente a Índia do resto da Eurásia. Esta ponte se prolonga pelo Rakhine, estratégico estado birmano, e através do Arco de Andamão, salta para a Indonésia.

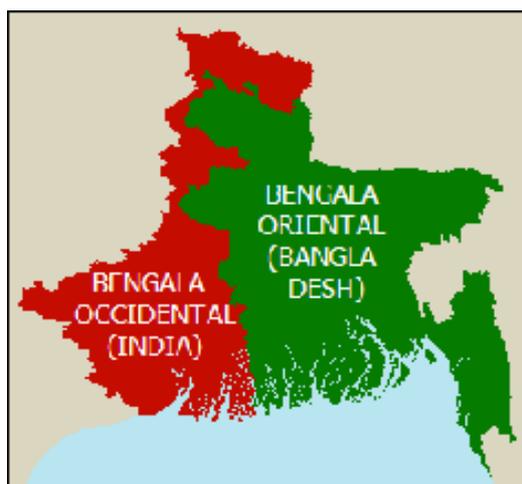


Tanto o Corredor de Siliguri como Sikkim, Nepal, Butão, Arunachal Pradesh, planície do Ganges, Caxemira, diversos territórios contestados e vários parques naturais, formam parte do Cinturão de Gelo, uma faixa geográfica que tende a conter a China no Sul e no Oeste. O Mugalistão também poderia chegar a ser uma jogada mestra da China para isolar a sua rival hindu, mas em razão da manipulação do fundamentalismo islâmico pelo atlantismo é de se prever que estas populações muçulmanas sejam utilizadas como pivô para as manobras geopolíticas do eixo atlantista. O Mugalistão seria um Estado que ofereceria ao comércio internacional a passagem do Mar Árabe ao Golfo de Bengala evitando expressamente a Índia e o Sri Lanka, assim como do Índico à China sem passar por Málaca. O Mugalistão tenderia a conectar com Rakhine, as Ilhas Andamão, as Ilhas Nicobar e Acem na Indonésia, para erigir uma definitiva barreira em torno do estreito de Málaca.

Por estes motivos, não é de estranhar que a universidade bangladeshiana de Jahangir Nagar tenha criado um tal de *Mughalistan Research Institute* (MRI), patrocinado tanto pelos serviços de inteligência do Paquistão (ISI) quanto de Bangladesh (DGFI e NSI). Isto pode se inserir nos planos da antiga Operação Tupac (1988), do antigo presidente paquistanês Zia ul-Haq, para balcanizar a Índia. Nesta mesma linha, o Movimento dos Estudantes Muçulmanos da Índia (SIMI) e os mujahideens da Índia trabalham com as mencionadas organizações para levar a Jihad contra os hindus em toda a Índia. Grupos fundamentalistas da Índia como Jamaat e-Islami, Lashkar e-Tayyaba, Jaish e-Mohammad e Hizbul Mujahideen haviam prestado seu apoio a estes esforços, declarando abertamente que os hindus são inimigos do Islã aos que tem que converter/matar, e que seu objetivo é a destruição da República hindu e a aniquilação do hinduísmo. Estes grupos haviam detonado numerosas bombas na Índia e seu ódio ao hinduísmo é maior que o que possam ter aos cristãos, judeus ou muçulmanos xiítas, já que os hindus não são "gente do livro" (Bíblia) e veneram a vaca, algo incompatível com o ritual Halal.

Tudo isto forma parte de uma guerra etno-religiosa que a décadas escala todo o Indostão. Uma rápida busca da frase *Hindu Muslim atrocities* no Google Imagens nos brindará testemunhas dos quais nunca se fala nos meios de comunicação do Ocidente - entre outras coisas, porque a Europa já se encontra em uma situação precursora a da Índia. É muito difícil que este preocupante quadro cultivado por serviços de inteligência e poderosos interesses econômicos termine bem.

A situação geobloqueante da Índia em relação a Bangladesh reside no fato de que a última está rodeada pela Índia em toda sua fronteira, salvo um pequeno segmento fronterizo que compartilha com o mencionado estado birmano de Rakhine. Também, como nação-delta fluvial que é, depende da Índia pelo trânsito de 54 rios compartilhados. O fato de depender de vários rios, mas não controlar suas fontes é sempre motivo de tensões, como no caso do Egito com a Etiópia ou Israel com a Síria. Bastaria que Nova Delhi fizesse algo em um dos vários rios (por exemplo, uma barragem ou desvio, ou contaminá-los) para que Bangladesh mergulhe na fome. Estar cruzada por tantos rios converte Bangladesh em arquipélago em potência, bastando a um inimigo arrasar suas pontes ("objetivos de uso dual"), como feito Henry Kissinger no Camboja. Outra extraordinária fraqueza natural de Bangladesh é o baixo nível de seu território: qualquer flutuação do nível marinho, qualquer inundação ou maremoto, tem no país efeitos devastadores e poderá algum dia desencadear uma avalanche de dezenas de milhões de refugiados. Além do mais, sua topografia excessivamente plana carece de barreiras naturais que a protejam em caso de enfrentamento militar.



A nação bengaliana segundo os nacionalistas. Em verde: Bangladesh atual. Em vermelho: territórios reivindicados (Bengala Ocidental, incluindo Calcutá, a maior cidade e o porto mais importante da Índia). Nota-se que, ao norte, os territórios reivindicados separariam as Sete Irmãs do resto da Índia - colocando estas províncias hindus sob a influência de Dhaka e Beijing - e conectariam Bangladesh com Nepal, Butão e China, dando-lhe mais projeção internacional. Isto supõe, sem dúvida, uma grande tentação para Dhaka e seguramente para Beijing. Juntas, Bangladesh (a antiga Bengala Oriental do Paquistão) e o estado hindu da Bengala Ocidental, somam 240 milhões de habitantes.

Existem dois exemplos que resumem as tendências dos dois vizinhos de Bangladesh. A primeira, típica de uma estratégia marítima, é que o porto hindu de Calcutá se dedique a travar laços com o porto birmano de Sittwe, negando diretamente à Bangladesh, que pode se ver tentada a considerar o estado de Rakhine como um prolongamento natural de seu território e aos muçulmanos rohingya como bangladeshianos oprimidos por uma nação estrangeira. A segunda tendência, mais lógica sob o ponto de vista eurasiático-continentalista, é que Bangladesh se converta em zona de passagem entre o Indostão e a Lestásia. Três mapas ilustram essas diversas possibilidades.



Projeto de gasoduto MBI (Mianmar-Bangladesh-Índia), o plano para transportar gás natural desde o campo gasífero birmano de Shwe (situado em frente à Sittwe) até Calcutá (maior cidade e mais importante porto da Índia), passando por Bangladesh. A Índia teria que pagar um imposto a Bangladesh por ser a rota de trânsito, mas isto resultaria mais barato que contornar Bangladesh pelas problemáticas províncias do Noroeste e pelo estreito corredor de Siliguri. O gasoduto, que acalmaria a paranóia de Dhaka de ser cercada pela Índia, ajudaria em boa medida a melhorar as relações regionais, razão pela qual é de esperar que encontre oposição no atlantismo e que todo o estado birmano de Rakhine sofra de desestabilização artificial ou até que tente se separar da Birmânia.



Sua situação no Golfo de Bengala faz com que Bangladesh seja facilmente torturado pela Índia e Birmânia, por exemplo, devido aos laços portuários e de tráfico marítimo entre Calcutá e Sittwe. A resposta bangladeshina para não ficar marginalizada é fortalecer o porto de Chittagong como pérola chinesa e converter-se em zona de trânsito terrestre entre a Birmânia e a Índia (ver abaixo). Tanto Chittagong como Sonadia são pérolas do colar chinês.

Depois de ver um pouco o panorama geopolítico do Índico e do Colar de Pérolas na primeira e segunda partes desta série de artigos, podemos entender que Bangladesh seja também um prolongamento natural dos possíveis gasodutos TAPI e IPI (este último, por sua vez, prolongamento do ambicioso Gasoduto Islâmico). O IPI, um projeto detestado pelos EUA, já que vertebrava o sul da Ásia com gás natural iraniano, havia sido aceito pelo Paquistão, que o levará adiante com ou sem a Índia (que se retirou do projeto em 2009 diante das pressões de Washington). O TAPI, favorito dos EUA ao drenar a Ásia Central (antigo feudo russo) de recursos energéticos e cortar as saídas orientais do Irã roubando-lhe mercado, havia sido aceito por Bangladesh.

A China não havia ignorado a importância estratégica de Bangladesh e se apressara em incorporá-la ao seu Colar de Pérolas. Existem em Bangladesh duas pérolas do colar chinês. A primeira é o porto de **Chittagong**, ao sudeste do país. Chittagong é uma das cidades de crescimento mais rápido do mundo, além de porto de trânsito para 90% das importações-exportações bangladeshianas (principalmente de produtos têxteis para o Ocidente) e a saída natural para todo o sul da Ásia privada do acesso ao mar: Tibete, Butão, o Turquestão chinês, as Sete Províncias hindus, Nepal e algumas regiões da Birmânia ocidental. A *China Harbour Company*, em colaboração com as autoridades bangladeshianas, haviam investido em torno de 9 bilhões de dólares para transformar toda a costa sudeste do país e para desenvolver em Chittagong um porto de águas profundas, vários terminais comerciais para *containers*, uma ponte de 950 metros, um túnel subfluvial, um parque industrial e até uma estrada que conecta Chittagong a Kunming através da Birmânia. Vale a pena destacar que muitas destas infraestruturas são de uso dual (tanto civil quanto militar) e podem abrigar as armadas tanto de China quanto de Bangladesh. A natureza estratégica destes projetos permaneceu abundantemente clara quando o tenente coronel Moazzem Hossain, chefe de segurança da autoridade portuária de Chittagong, que havia estudado os portos de Le Havre (França) e Hamburgo (Alemanha), declarou sem mais nem menos que "Nossa intenção é substituir o porto de Cingapura". Isto não será recebido muito bem nas oficinas da mafiosa *Port of Singapore*

Authority International (PSA), que muito recentemente havia perdido posições no porto paquistanês de Gwadar, em benefício da *China Overseas Port Holding Authority* (COPH).



Projeto para unir a cidade chinesa de Kunming (destinada a converter-se em um dos hubs comerciais mais importantes da China) com o porto bangladeshiano de Chittagong, uma das pérolas do colar chinês.

A outra pérola chinesa em Bangladesh é **Sonadia**, uma ilha perto da cidade de Cox's Bazaar, na qual a China havia investido 5 bilhões de dólares para construir um espetacular porto de águas profundas. Sonadia se conectará com Chittagong e Kunming, previsivelmente através da Birmânia, para converter-se em outra cabeça de ponte alternativa a Cingapura.

Existe outro atrativo estratégico, menos conhecido, de Bangladesh: o país se encontra repleto de reservas de gás natural, estimadas em 90-225 bilhões de metros cúbicos. Em comparação, o recentemente descoberto mastodôntico campo gasífero israelita de Leviatã tem 400 bilhões de metros cúbicos de gás. É certo que Bangladesh não pode comparar-se em termos energéticos com Rússia, Irã ou Qatar, mas segue sendo um baluarte bastante chamativo, especialmente tendo em conta que Bangladesh não tem meios de produção adequados para a exploração de seu gás e que é previsível que convide multinacionais estrangeiras.



Neste mapa vemos os distintos portos que a China deseja controlar para estreitar corredores comerciais que reduzam custos e tempo e a liberem de depender de Cingapura. Além do mais, tenderiam a deslocar o núcleo econômico chinês da costa (por exemplo, Xangai e Hong Kong) para o interior continental (por exemplo, Chongqing e Kunming), onde a influência das potências oceânicas sempre será mais deficiente.

Com vistas a isso, a China está investindo muito no estratégico setor de transportes no Paquistão, Bangladesh, Birmânia, Nepal e Butão. Todos estes países contornam... a Índia, que se encontra justamente no meio das rotas energéticas chinesas.

SRI LANKA: A PONTE DE RAMA

A antiga Ceilão portuguesa é, como o Paquistão e Bangladesh, outro Estado geobloqueante para a Índia, separada do Indostão pelo delicado estreito de Palk. Sri Lanka separa também a costa ocidental hindu da oriental, já que o estreito de Palk não é transitável por embarcações de grande porte, que devem contornar Sri Lanka pelo sul. A antiga epopeia hindu do *Ramayana* já menciona a "ilha de Lanka" e a luta entre o rei Rama, do norte da Índia, contra Ravana, o monarca local. Rama haveria ganho a guerra ao construir uma ponte de pedra entre a Índia continental e a ilha de Lanka. No Ocidente, os navegantes gregos conheciam a ilha como Taprobane. Hoje, Sri Lanka é, segundo o *US Economist Intelligence Unit*, a segunda economia asiática de maior crescimento depois da China. Cweca de 36.000 navios passam a cada ano através de Hambantota, incluindo 4.500 petroleiros. E 85% das importações energéticas chinesas do Oriente Médio e grandes riquezas minerais da África passam pelo Sri Lanka.

Depois de formar parte do colar de pérolas português, o Ceilão passou, mediante guerra, às mãos da Companhia Holandesa das Índias Orientais, em 1656. Durante breves períodos, a França ocupou militarmente alguns fortes ou portos. Em 1796, os ingleses tomaram a ilha temendo que, depois da invasão francesa da Holanda, esta pudesse

passar ao controle de Paris. Desde então até a época colonial, Sri Lanka esteve sujeito à influência britânica, que se beneficiou das riquezas naturais da ilha, como o chá, a borracha, as especiarias, as pedras preciosas e as argilas. O Ceilão também possuía (e possui) alguns dos maiores jardins herbais do planeta e uma vasta seleção de plantas medicinais. Durante a II Guerra Mundial, depois da queda de Cingapura em mãos do Império Japonês, Trincomalee - possivelmente o melhor porto natural do Índico - se converteu na principal base da Frota Leste da Royal Navy, assim como de submarinos holandeses. O porto e o aeródromo chegaram a ser atacados pelos japoneses em 1942.

Em 1948, Sri Lanka se tornou independente, mas o Estado segue chamando-se oficialmente *Royal British Ceylon Government* e os britânicos continuariam possuindo seu valioso porto de Trincomalee até 1956. Ao longo dos anos 60, o país foi caindo sob a órbita da União Soviética e do Movimento dos Não-Alinhados. Em 1971, uma estranha insurreição juvenil foi esmagada pelo governo de Colombo. A rebelião era dirigida por Rohana Wijeweera, uma espécie de Che Guevara cingalês (Sri Lanka foi o primeiro país da Ásia que reconheceu o triunfo da revolução cubana) que havia estudado em Moscou, mas, ao qual a União Soviética, devido a suas simpatias abertamente maoístas (portanto, mais alinhado da China), negou futuros vistos para viajar ao país. No Sri Lanka, Rohana Wijeweera se havia alinhado com a facção pró-chinesa do Partido Comunista, sendo acusado pela facção pró-soviética de ser um agente da CIA. No ano seguinte do falido golpe de Estado de Wijeweera, Sri Lanka se dotou de uma constituição, declarando-se república e denominando-se com seu nome atual.

Em seguida, as potências estrangeiras usaram das divisões étnicas de Sri Lanka para desestabilizar a desafortunada ilha e criar uma brecha geopolítica. O país tem uma minoria tâmil (relacionada, portanto, etnicamente com os hindus do outro lado do estreito de Palk) que com 2 milhões de membros conforma aproximadamente 9% da população do Sri Lanka. Os tâmis falam uma língua dravídica (pré-ária). O resto da população cingalês ressalvada uma minoria árabe de 7,7%, é de etnia cingalesa (também chamada singalesa) e fala um dialeto indo-ário. Os cingaleses são budistas em sua maior parte, enquanto que os tâmis são majoritariamente hinduístas.



Para sua desgraça, os tâmis são o que se poderia chamar de etnia estratégica. Dominando ambos os lados do estreito de Palk, influenciam decisivamente no tráfego marítimo desta região. No mapa vem representada a zona que durante décadas foi reivindicada pelos tigres tâmil como pátria tâmil, independente do governo de Colombo. O antigo porto britânico de Trincomalee se encontra nesta zona. Os tigres tâmil receberam apoio logístico, armamentístico e de outros tipos, por parte dos Estados Unidos, Reino Unido, Noruega e o atlantismo em geral. O império chola, de origem tâmil, dá uma ideia acerca da projeção estratégica desta etnia. Interessantemente, a região reivindicada pelos tigres tâmil coincide essencialmente com a bacia de Cauvery, onde existem importantes depósitos de petróleo e gás natural.

A desestabilização da etnia tâmil vem das mãos dos Tigres de Liberação do Elam Tâmil (LTTE), mais conhecidos como tigres tâmis. A organização não só era uma frente guerrilheira e um exército, mas tinha também um braço terrorista que causou numerosos atentados tanto na Índia quanto no Sri Lanka, um ramo naval ("tigres do mar") que destruiu de 35 a 50% das embarcações costeiras cingalesas e até a pouco era o único grupo insurgente do mundo que mantinha uma força aérea ("tigres do céu"). Muitos governos e agências de segurança consideram os tigres tâmis como um dos grupos terroristas mais implacáveis e melhor organizados do mundo. O LTTE utilizou sem escrúpulos escudos humanos, atentados a bomba em lugares públicos, limpeza étnica, pirataria e se acusa de assassinar 8.000 compatriotas tâmis considerados traidores de sua causa.

Tanto a Rússia quanto o Irã, China e Cuba apoiaram o governo de Colombo em sua luta contra o LTTE. Os EUA, Reino Unido, Índia, Japão, Austrália e a União Europeia em geral, haviam apoiado a LTTE, já de forma aberta ou de forma encoberta. A Noruega havia proporcionado asilo político a numerosos quadros diretivos da organização terrorista.

A insurgência do LTTE supôs um sanguinário e longo conflito intermitente, a Guerra Civil de Eelam (1983-2009), que desestabilizou gravemente o estreito de Palk. 2007 foi um ano chave: Beijing firmou um acordo naval com Colombo para desenvolver o porto de Hambantota e Moscou mandou como acessor militar o coronel-general Moltensky, que já havia lutado contra um movimento similar ao LTTE na Chechênia. Além do mais, os EUA firmaram um acordo parecido, havendo posto os LTTE em sua lista de organizações terroristas, provavelmente com a esperança de ganhar influência no governo cingalês, mandar acessores de antiterrorismo e conectar-se a Trincomalee como estação de abastecimento e apoio logístico para sua Sétima Frota, localizada na ilha Diego Garcia. Em 2009, com ajuda militar chinesa e russa, Velupillai Prabhakaran, o líder do LTTE, foi abatido pelo exército do Sri Lanka e o país entrou na Organização de Cooperação de Shangai (SCO), que inclui Rússia, China, Bielorrússia, Mongólia e Irã, entre outros.

A relação de Sri Lanka com o Colar de Pérolas chinês se concentra na cidade costeira de **Hambantota**, ao sul da ilha, um dos portos naturais mais privilegiados do Índico, onde a China havia investido somas astronômicas de dinheiro para desenvolver um porto de águas profundas. A China é também a força motora de uma usina de carbono de 1,3 mil milhão de dólares em Puttalam, outro estratégico porto natural que anima os cidadãos tâmis e/ou muçulmanos a irem para a Austrália de barco. A Torre do Loto em Colombo é outro chamativo projeto chinês no Sri Lanka.

A Índia tem seus próprios interesses no Sri Lanka, especialmente no Trincomalee e no projeto do canal de Sethu Samudram. As águas do estreito de Palk são pouco profundas e estão completas de recifes, de modo que as embarcações pequenas, especialmente pesqueiras, não têm problemas na hora de atravessá-lo, mas é uma via impossível para as grandes embarcações (especialmente petroleiras e de transporte de gás natural liquefeito e similares). A Índia, durante muito tempo, havia ressentido o fato de que o tráfego marítimo passasse principalmente à costa sul do Sri Lanka, e espera que construindo um canal, os barcos se aproximem mais de suas costas. Espera também poder unir suas costas leste e oeste com uma rota marítima navegável e sem sair de suas águas territoriais. O projeto havia encontrado oposição de tipo ambientalista (em teoria porque geraria uma nova corrente marinha, que faria da Índia mais vulnerável a "tsunamis e outras catástrofes naturais" e destruiria formações de coral) e até religioso (romper a ponte de Rama seria uma espécie de sacrilégio para muitos hinduístas devotos). Não se pode negar que esta tendência humana de reorganizar a Natureza com fins econômicos seja perniciosa tanto para o planeta quanto para a humanidade, mas não é menos certo

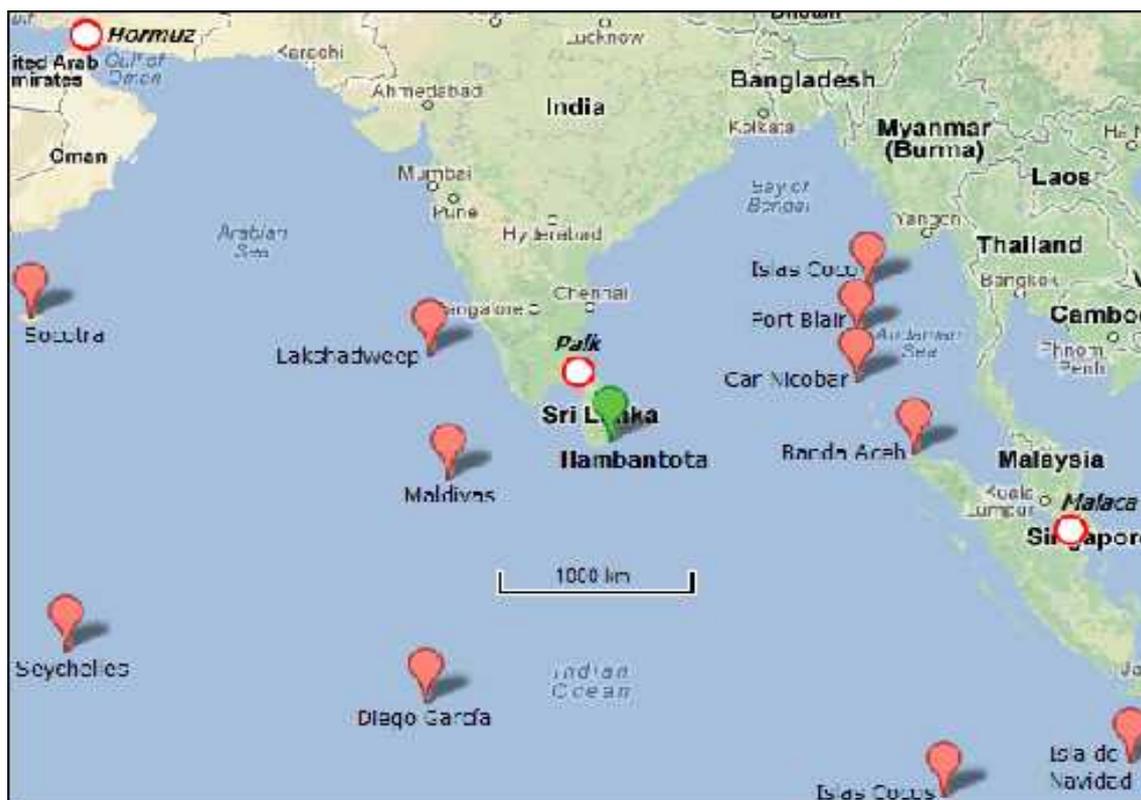
que estas objeções nunca foram de peso na hora de construir o canal de Suez ou do Panamá.



Projeto do canal de Sethusamudram. Escavar um canal no estreito de Palk, rompendo a ponte de Rama, economizaria uns 650 km de trajeto aos navios de grande porte, atrairia o tráfego marítimo para as costas hindus e daria um grande impulso à região tâmil que, recordamos, se encontra a ambos os lados do estreito. As águas territoriais hindus deixariam de estar partidas em duas e a Índia poderia passar desde o Mar Árabe ao Golfo de Bengala sem sair de suas águas territoriais (até agora deve dar uma volta pelo Sri Lanka). O final da guerra civil do Sri Lanka, em 2009, e a derrota dos tigres tâmis fazem com que este projeto seja atualmente mais viável. Fonte do mapa: tamilnation.co

O Sri Lanka chega a 2013 como um país que não se submete gratuitamente aos ditames do FMI, que rejeita a interferência estrangeira em seus assuntos internos, assim como a privatização de empresas estatais (especialmente bancos estatais, aeroportos e infraestruturas elétricas), que experimenta um *boom* nos setores de agricultura e pesca e que mantém boas relações com China, Rússia, Cuba, Brasil, Irã, Paquistão, Venezuela e o Movimento dos Não-Alinhados em geral.

Colombo é também a peça central de uma arquitetura insular de segurança que abrange todo o Índico e que preside um denso tráfego marítimo. É particularmente chave para sua proximidade com as Maldivas (onde a China está estreitando importantes laços e deseja construir uma base naval) e com a ilha Diego García (base militar britânica concedida aos EUA). Durante a guerra indo-paquistanesa, em 1971, os EUA despacharam um porta-aviões para o Golfo de Bengala, em uma mostra de apoio a seu aliado paquistanês e na tentativa de intimidação a Nova Délhi, até então aliada da União Soviética.



O porto cingalês de Hambantota se encontra em uma posição central entre os estreitos de Ormuz, Málaca e Mandeb e as penínsulas Árabe, Indochina, Indostão e Chifre da África, tendendo a partir o Índico em dois. Nota-se a relativa proximidade de Hambantota das Maldivas, da ilha Diego García (território britânico do Índico onde há uma base naval estadunidense) e das Ilhas Cocos e Navidad (pertencentes à Austrália). Pode ser ilustrativo comparar este mapa com o mapa das rotas que vimos na primeira parte desta série de artigos. Um rápido olhar às zonas econômicas exclusivas do Índico volta a mostrar até que ponto, para passar de Ormuz e Mandeb a Málaca, tem que se atravessar uma cadeia de ilhas da qual o Sri Lanka faz parte. A ilha tem também uma posição adequada para se tornar um centro de telecomunicações.

ROTA DA SEDA VS. ROTA DAS ESPECIARIAS, OU EURÁSIA VS. OCEANIA

A pior e mais antiga divisão de todas, a mãe de todas as balcanizações, a oposição entre o Yin e o Yang, entre o material e o espiritual, o instinto e a vontade, o inconsciente e o consciente, a intuição e a razão, o dionisíaco e o apolíneo, o feminino e o masculino. O continente eurasiático também reflete esta divisão, já que pode comparar-se aos hemisférios de um imenso cérebro. A Europa representa o hemisfério esquerdo, racional, lógico, científico e tecnológico, que havia herdado o pensamento linear e reto e que conserva a herança genética mais ativa e evoluida do planeta. A Ásia representa o hemisfério direito do cérebro, instintivo, intuitivo, que havia herdado o pensamento curvo, circular e cíclico, assim como as tradições, os mistérios e os rituais dos tempos antigos. Historicamente, a instintiva Ásia engoliu ao sangue e aos genes, enquanto que a racional Europa devorou ao espírito. Esta complementariedade pode ajudar aos povos do mundo, em particular os de origem europeia, a reencontrarem a si mesmos. O Ocidente pode fecundar terras asiáticas (especialmente a Sibéria, Kazaquistão e Mongólia) física, demográfica e economicamente, enquanto que a Ásia pode aportar suas heranças tradicionais para reacender a chama espiritual e moral no Ocidente - algo para o qual também há de contar com o Vaticano e a Igreja Ortodoxa, ou ao menos, com alguns setores destas instituições.



Lacuna Interhemisférica (elipse vermelha) e principais centros econômicos da Eurásia (elipses azuis). Este mapa representa o que Mackinder chamava de "Ilha Mundial": a continuidade terrestre da Eurásia-África. Um gigantesco passo na balcanização deste espaço foi o estabelecimento do Canal de Suez primeiro (onde a rota marítima corta a rota terrestre) e do Estado de Israel depois, que separarão ambas as unidades convertendo-as de fato em ilhas separadas e permitindo que o poder marítimo envolva ambas. De um ponto de vista telurocrático (continentalista e terrestre), o Sinai deveria ser uma ponte entre Eurásia e África, não um canal entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. O segundo passo teria sido alimentar a Lacuna Interhemisférica, um eixo que separa o Grande Oriente do Grande Ocidente, e que inclui os campos petrolíferos russos de Nenets, os Urais, o território do antigo reino jázaro (khazar), o Cáspio-Cáucaso, a Pentalásia (incluindo o Estado de Israel), o Golfo Pérsico, o Golfo de Adém e o Chifre da África. A Rússia e o Irã são os dois países-chave que neutralizam a lacuna interhemisférica, a Rússia por seu vasto território e o Irã por tender a obter uma saída ao Mediterrâneo, partindo a coluna em duas. Também a Grécia e as populações cristãs e xiítas do Oriente Médio tendem a neutralizar a coluna. Além do mais, se a Rússia e o Irã conseguirem conectar-se territorialmente através de espaços balcanizados (Cáucaso e Ásia Central) ou através do Cáspio, se formaria um eixo interhemisférico e o Rimland seria quebrado, o qual seria um desastre para as potências oceânicas do mundo.

Como se vê, em muitos sentidos, ambos os subcontinentes são antitéticos, mas em outros, se complementam em perfeição, especialmente quando concebemos a Rota da Seda como a coluna vertebral de um corpo, que "verticaliza" a Eurásia. Sobre este ponto de vista, a Ásia é o corpo principal, a Europa a cabeça e a Lacuna Interhemisférica o pescoço. A coroa da Eurásia se encontraria no espaço marítimo atlântico da Península Ibérica, de Ferrol à Cádiz.

Os únicos países que podemos considerar propriamente eurasiáticos são Rússia, Grécia, Cazaquistão, Turquia e Azerbaijão. Mas basta uma rápida visualização num mapa para se dar conta de que todo o espaço entre a Europa e a China está minuciosamente balcanizado... exceto um. A Federação Russa é o único espaço comum eurasiático que proporciona continuidade territorial direta e estável entre ambos os polos da Eurásia. Portanto, em qualquer tipo de relação entre o Grande Ocidente e o Grande Oriente, é necessário contar com a Rússia. Particularmente delicada é a zona onde a Rússia se transforma em Oriente Médio e onde se entrecruzam o cristianismo ortodoxo, o Islã e o budismo, quer dizer, o espaço correspondente às repúblicas ex-soviéticas da Ásia Central e Cáucaso - ou como denominou Zbigniew Brzezinski, os Balcãs Eurasiáticos. Aqui a Rússia tem o grande trunfo, já que conhece os povos e dialetos desta região, que no

passado havia administrado diretamente, e nela se fala russo e existem populações russas.

A Rússia também abrange a maior parte do Heartland da Eurásia, a chave do mundo material, o lugar onde domina o horizontal e a terra; onde o tempo, devorado pelo espaço, passa mais lentamente e onde a modernidade não acaba de penetrar de todo: no coração da Eurásia, as mudanças não se haviam produzido no mesmo ritmo que na Europa Ocidental ou na América do Norte. Não seria de estranhar, portanto, que a Rússia acabe suplantando, como enorme ponte terrestre que é, as rotas marítimas controladas pelo comércio internacional e pelas potências atlantistas do mundo.

Não seria a primeira vez que a Rússia joga este papel integrador de rotas entre Ocidente e Oriente. Na Alta Idade Média, os vikings fundaram os primeiros Estados russos, abrindo rotas comerciais desde a Escandinávia, o Báltico e o Mar do Norte até o Império Bizantino e o Grande Oriente, através dos grandes rios russos, as estepes e os territórios do conquistado reino jázaro (khazar). Em várias campanhas militares, os escandinavos derrotaram aos jázaros tomando sua capital, Sarkel - agora submergida pelo pântano de Tsimlyansk, cerca de Volgogrado (ex-Stalingrado). Os vikings mantiveram uma rede de rotas que ia desde a América do Norte até a estepes asiática, constituindo um espaço plenamente em sintonia com o que Guillaume Faye chamou "Setentrião". Só a invasão de Genghis Khan no Século XIII rompeu esta prometedora rede, estabelecendo um khanato como geobloqueio que frustrou as conexões entre o Ocidente e o Oriente e se enriqueceu com os impostos e o controle das rotas a tal ponto que chegou a ser conhecido como Horda Dourada - é o período conhecido na história russa como o "jogo mongol". Este antecipou o que poucos séculos depois se passaria mais ao sul com o Império Otomano.

A I Guerra Mundial e a revolução bolchevique foram uma manobra estratégica atlantista para frustrar a conexão terrestre entre o Ocidente e Oriente, separando e enfrentando as principais superpotências continentais e especialmente tentando introduzir, mediante o terror, a escravidão e a morte, a "modernidade" no Império Russo, produzindo uma aceleração do tempo para tentar devorar o grande espaço. Também a Alemanha quis devorar o grande espaço, mas beliscou mais do que podia engolir. Resulta numa pena que, devido a interesses e tabus do pós-guerra, o pensamento geopolítico alemão, a *Geopolitik*, cujo grau de desenvolvimento era comparável ao britânico, havia caído no esquecimento deixando de ser estudado. Já em 1924, na revista "*Weltkampf*" (Luta Mundial) de 1 de julho, o intelectual nazista Alfred Rosenberg, que havia estudado em Riga e Moscou, que era "eurasianista" e que chegaria a ser ministro do Reich para os territórios ocupados do Leste, analisa de uma forma um tanto judeocêntrica os motivos que teve a finança internacional para desestabilizar a Rússia e subverter seu governo através do bolchevismo, mas identificou perfeitamente a natureza soberana, tradicional e autárquica do império eurasiático por excelência.

A Rússia era o único país do mundo no qual a classe dirigente era contrária a organização do judaísmo mundial. À frente do Estado havia um autocrata que era imune a pressão parlamentar, e os dirigentes eram independentes, ricos, e de tal modo estavam impregnados das tradições religiosas e políticas, que o capital judaico, com raríssimas exceções, não tinha sobre eles nenhuma influência. Os judeus não eram admitidos nem nos cargos do Estado, nem nas funções judiciárias, nem no Exército.

A classe dirigente era independente do capital judaico porque possui grandes riquezas territoriais e florestais. A Rússia possuía trigo em superabundância, e completava sempre suas reservas de ouro com as minas do Ural e Sibéria. A prestação de metal do estado compreendia quatro bilhões de marcos, sem contar as riquezas acumuladas pela família imperial, dos mosteiros e das propriedades particulares. Apesar de sua indústria

proporcionalmente pouco desenvolvida, a Rússia podia viver por si mesma sem nada importar.

Todas estas condições econômicas tornaram quase impossível a escravidão da Rússia pelo capital judaico internacional, segundo os procedimentos que se dão hoje na Europa ocidental.

Se agregarmos, além disso, que a Rússia era a repositora dos princípios religiosos e conservadores do mundo, aos quais com a ajuda de seu exército haviam esmagado todos os movimentos revolucionários sérios, e os quais não admitiam em seu território nenhuma sociedade secreta, se compreenderá por quê o judaísmo mundial devia dirigir seus ataques contra o Império Russo.

Do lado britânico, o geógrafo inglês Halford J. Mackinder, um dos fundadores da Geopolítica moderna, tinha uma fixação pelo *land power* (poder terrestre ou telurocracia), apesar de haver formado seus ideais num país que devia seu imenso império ao emprego do *sea power* (poder marítimo ou talassocracia). Obcecado especialmente com a Prússia, Áustria e o Império Russo, Mackinder afirmou que **"Quem governa a Europa do Leste controla o Heartland; quem governa o Heartland controla a ilha mundial; quem governa a ilha mundial controla o mundo"**. Sua mensagem tinha a ideia de criar um "cordão sanitário" de estados-tampões entre Alemanha e Rússia com o propósito de evitar a aparição de uma potência hegemônica na Europa do Leste. É que tanto a Rússia quanto a Alemanha são as potências melhor situadas para dominar a Europa do Leste - e, portanto, segundo Mackinder, o mundo.



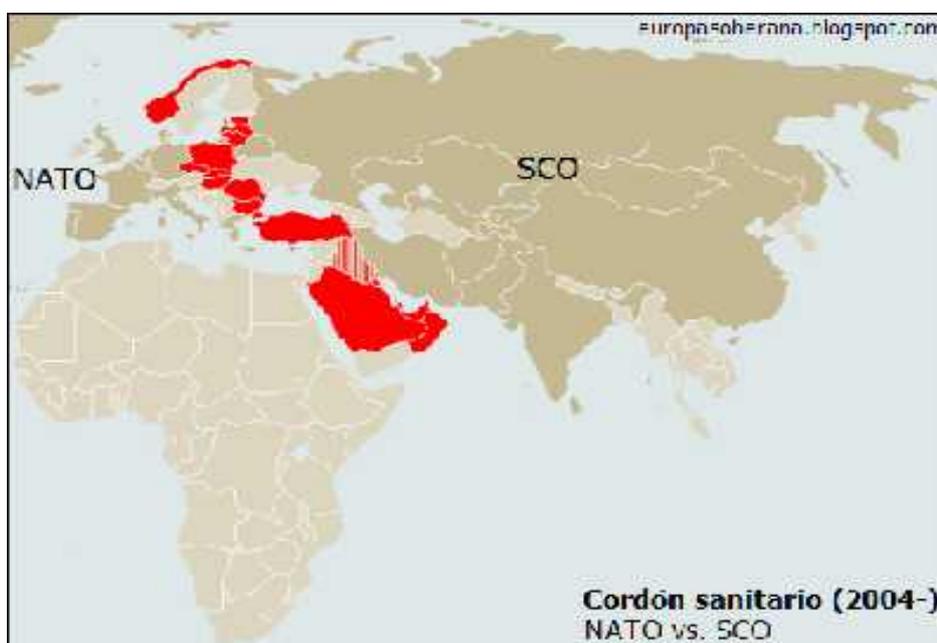
Obtendo uma continuidade territorial direta desde "O Cairo até o Cabo", e criando um "cordão sanitário" de estados-tampões entre a Alemanha e Rússia, a diplomacia do Império Britânico mantém uma lacuna interhemisférica que separa a Eurásia da África e a Europa da Ásia, partindo a Ilha Mundial em duas. De suas principais adversárias geopolíticas, a Rússia havia sido consumida por uma guerra e arrasada por uma revolução destrutiva, e a Alemanha se encontrava imersa em lutas sociais e civis, sob uma enorme dívida de guerra, castrada militarmente e mutilada territorialmente. O cordão sanitário europeu abarcava uma enorme população judia (coincide, em boa parte, com a antiga comunidade Polaco-Lituana, o Império Austro-Húngaro e a Zona de Assentamento decretada por Catarina a Grande numa tentativa de expulsar os judeus de seu império), como hoje a tem outro Estado importantíssimo da atual Lacuna Interhemisférica: Israel. Em 1939, a Alemanha estava à frente da URSS, rompendo o cerco onde quer que fosse mais estreito e frágil: em Dantzig-Prússia Oriental. Na África, o Eixo também tentou romper a barreira britânica à altura do Egito e, da parte italiana, tentando unir a Líbia com a Abissínia. Ao norte, a Noruega foi invadida pela Alemanha e a Finlândia pela União Soviética.

A Alemanha decidiu romper o cordão sanitário da Europa do Leste em setembro de 1939, invadindo a Polônia apesar de pressionada ferozmente pela diplomacia britânica e francesa. A URSS também invadiu a Polônia (pela segunda vez, posto que já o houvesse tentado em 1919-1921), mas os aliados ocidentais só declararam guerra a Alemanha, evidenciando que o ator regional que mais os inquietava era Berlim, com sua promoção do "mito do sangue", seu comércio internacional de troca ao largo das moedas de reserva do comércio internacional da época e sua subversão total das finanças e da política monetária (abolição do padrão-ouro e do interesse do dinheiro, instauração do padrão-trabalho ou riqueza). O resto da história já conhecemos: a II Guerra Mundial supôs a aniquilação da nação mais poderosa da Europa, o fim do prussianismo e o estabelecimento de um novo cordão sanitário em solo europeu, desta vez chamado de "Cortina de Ferro". Ao longo da Guerra Fria, a União Soviética transformando-se em uma potência de caráter cada vez mais nacional e continental - em parte por sua geografia e em parte graças à natureza patriótica e religiosa de seu sacrifício na II Guerra Mundial -, até converter-se em um obstáculo no caminho da globalização planejada pela Alta Finança.

Quando a URSS se desintegrou em 1991, o império soviético perdeu a metade de sua população, um quarto de sua massa terrestre e a maior parte de sua influência global. Na mesma Rússia, foi uma onda de liberações e privatizações, a corrupção tomou conta do vasto país e surgiu uma poderosa casta de multimilionários bem relacionados com Wall Street e a City Londres: os chamados **oligarcas** se ergueram como senhores feudais, abrindo a Rússia ao comércio internacional para que seus recursos pudessem ser saqueados pelas multinacionais estrangeiras. Alguns oligarcas inclusive criaram ONGs, partidos políticos, grupos de pesquisa e redes clientelistas a imagem e semelhança das "fundações" privadas que tanta influência haviam tido na engenharia social e econômica do Ocidente capitalista. Um destes oligarcas russos foi o magnata petroleiro Mijaíl Khodorkovsky, chefe da petroleira Yukos. Khodorkovsky criou a *Open Russian Foundation*, claramente inspirada na *Open Society* de George Soros. A *Open Russian Foundation* tinha em seu conselho diretivo personalidades do tamanho de Henry Kissinger e Jacob Rothschild, o qual nos oferece a chave de sua natureza. O objetivo deste consórcio, bem financiado pelo petróleo russo e pelas ajudas da finança internacional, era desmantelar a soberania russa, comprando a preço de barganha seu tecido econômico da época soviética e transformando o país em algo mais digerível ao neoliberalismo globalista, algo assim como a Alemanha moderna: um "acionista responsável" e gestor regional obsequioso de um sistema global unipolar dominado pelo *establishment* (e não pelo povo) angloamericano, por sua vez, fortemente obediente aos interesses judeus. George Bush pai, que também tinha interesses petroleiros no assunto Khodorkovsky, havia predito uma "nova ordem", talvez esperando que os recursos e rotas comerciais da Rússia se fariam a serviço dos usuários globalistas, se Khodorkovsky tivesse êxito em seu plano de vertebrar oleodutos *privados* para favorecer a China e EUA, e que o mundo inteiro seria tomado pela nova convergência globalista: neomarxista no cultural e capitalista-neoliberal no econômico.



Foto à esquerda: George Soros, especulador financeiro. Foto à direita: Mijail Khodorkovsky, petro-oligarca aspirante à presidência da Rússia. Quando indivíduos como estes pronunciam sua palavra favorita "global", é bom começar a tremer.



A história mais recente demonstra que as teorias de Mackinder sobre o Heartland e a necessidade de um "cordão sanitário" na Europa do Leste seguem mais vigentes que nunca. Um ano depois da invasão do Iraque - na qual se contrariou perigosamente tanto a Alemanha quanto a França -, o atlantismo já havia recrutado uma série de Estados da Europa do Leste: Polônia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária, além de Estônia, Letônia e Lituânia. Esse quadro se completa com o "escudo antimíssil" e com os velhos membros otoneiros Turquia e Noruega. Além disso, prossegue na desestabilização de toda a Pentalásia e na "atlantização" do Conselho de Cooperação do Golfo (os Estados árabes em vermelho no mapa, ao sul do Iraque). O novo cordão sanitário se estende desde a Noruega até Omã, desde o Oceano Ártico até o Índico, partindo a Eurásia em duas. Contudo, os muros de contenção que o atlantismo erige militarmente, são facilmente derrubados pela Rússia energética e comercialmente, com sua estratégia do controle do fornecimento de gás natural pelos "russodutos" (*Nord Stream* e *South Stream*). A outra tentativa de romper este cordão sanitário vem pelo Gasoduto Islâmico, que pretende unir o Golfo Pérsico (Irã) com o Mediterrâneo (Síria e Líbano), através do Iraque. De fato, no mapa se aprecia como Iraque-Síria-Líbano são, junto com Constantinopla, a parte mais vulnerável do cordão sanitário - a importância do Curdistão, em particular, é muito visível. O Gasoduto Islâmico pretende prolongar-se também para o Leste para transitar pelo Paquistão, Índia (projeto IPI) e, talvez com o tempo, Bangladesh, China e Sudeste Asiático.

Em 2003, Vladimir Putin arrebatou de Khodorkovsky o controle da petroleira Yukos, nacionalizando-a justo quando o oligarca estava a ponto de entregá-la ao Lord Rothschild e a ExxonMobil ou Chevron (descendentes da Standard Oil de John D. Rockefeller). Dois anos depois, Khodorkovsky foi mandado a uma prisão siberiana. Esse caso pode comparar-se com a perseguição e processo de muitos outros oligarcas (Oleg Deripaska, Vladimir Gusinsky, Boris Berezovsky) durante a era Putin. Em vista das graves instabilidades causadas pelas fundações e ONGs estadunidenses em outros países, em setembro de 2012 Moscou expulsou de seu território a turva organização USAID, uma fachada legal da CIA e do *US State Department* estabelecida no país desde 1992.

Estes atos simbolizam que a Rússia volta a se considerar como um poder soberano e independente, com uma vontade própria e com interesses próprios, que não tem porque obedecer aos ditados da globalização promovida pela Alta Finança, e cujo exemplo pode inspirar a outras potências como Brasil ou Irã. Pode-se dizer mais alto, mas não mais claro: acima dos problemas do Estado russo, o potencial geopolítico da Federação é extraordinário. O país proporciona uma continuidade não-balcanizada desde a Europa até a Lestásia, se encontra ao lado da Pentalásia (só tem que cruzar o Cáucaso), mantém um pé no Levante pela Síria, no Báltico devido a Kaliningrado e outro nos Balcãs através da Sérvia. É também o país número um em reservas de gás natural, o primeiro produtor de petróleo do mundo, possui um terço das reservas de água doce do mundo (o segundo país em importância depois do Brasil), terras árcas, pastos, metais e pedras preciosas e outras riquezas minerais, vastos espaços virgens, biodiversidade humana, animal e vegetal, mais superfície florestal que nenhuma outra nação, o maior arsenal nuclear do mundo, um imponente complexo militar-industrial e uma tradição imperial no qual respeita a diplomacia, a geoestratégia (a Rússia tem um pensamento e uma escola geopolítica plenamente desenvolvida) e a Inteligência, além do tamanho esmagador e uma magnífica posição geográfica - a melhor e mais dominante do mundo. Tem também enormes potenciais desconhecidos e/ou ainda à explorar, como a rota marítima do Ártico (a Rússia é o país com mais terras no Círculo Polar e mais costa no Mar Ártico, encontrando-se, portanto, na melhor posição para dominar o Polo Norte) e as riquezas encerradas em seu permafrost siberiano. Se ainda existe no mundo algo parecido a uma "terra prometida", deve encontrar-se em algum lugar da Sibéria-Cazaquistão-Mongólia.

Mas este quadro tão privilegiado e promissor necessita igualmente de uma férrea autoridade. Quem quer que organize os recursos e potenciais (incluindo humanos) da Federação Russa para se tornar a principal superpotência do mundo, terá que cultivar sua maior riqueza: o povo russo, reconhecendo que os eslavos são a etnia vertebradora da nação e a base do Estado. O Kremlin tem tomado medidas sérias para povoar a Sibéria e para aumentar a natalidade dos russos. Outro passo que a Rússia necessitaria dar é promover um espaço econômico comum eurasiático e uma aliança militar que possa exercer o papel de eixo de integração eurasiática, de contrapeso ao poder da plutocracia angloamericana encarnada na OTAN, que faz com que a Europa, especialmente a Alemanha, volte a mirar ao Leste, e que organize os recursos do Heartland como se fosse um "novo Novo Mundo". Seguindo o exemplo dos antigos vikings e cossacos, se povoaria o coração da terra com europeus promissores e valentes, para criar os verdadeiros Estados Unidos da Eurásia e assentar as bases do tipo humano que herdará o planeta. O desenvolvimento do "selvagem Leste" pode supor uma verdadeira revolução geopolítica, cultural e humana.

Por estes motivos, resulta muito interessante prestar atenção aos diversos projetos eurasiáticos de poder continental promovidos pelo Kremlin, como a União Aduaneira, a Comunidade de Estados Independentes (CEI), a Organização do Tratado de Segurança

Coletiva (CSTO), a Organização de Cooperação de Xangai (SCO) e, especialmente, a União Eurasiática, proposta, mas todavia não constituída. Também é indispensável monitorar de perto a estratégia dos "russodutos", especialmente o projeto *South Stream*, e a ponte terrestre China-Turquia, um conjunto de vias ferroviárias que basicamente recriaram a Rota da Seda [9].

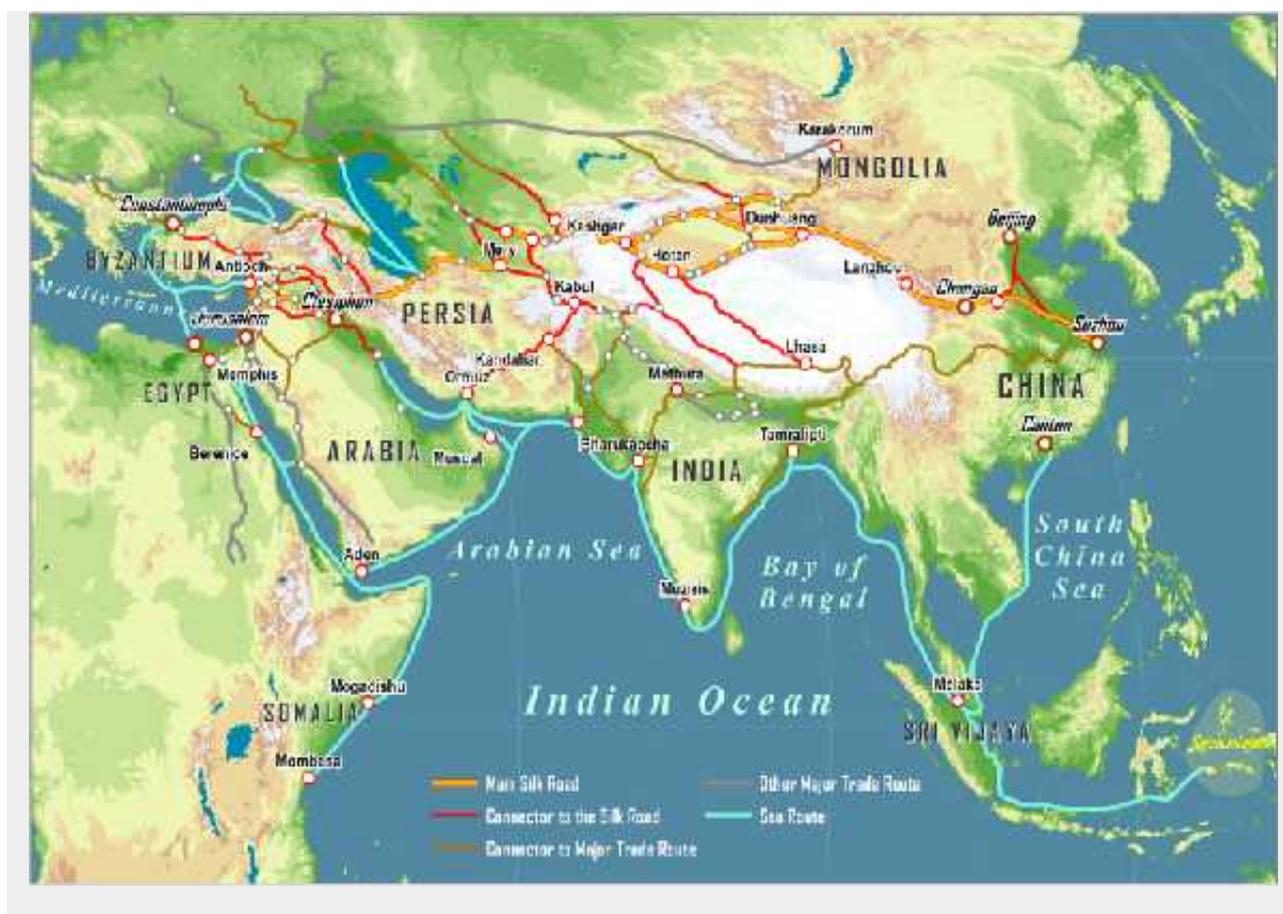
Mas apesar destes passos, se está muito longe de romper o cordão sanitário mais importante que resultou da II Guerra Mundial: o bloqueio psicológico coletivo, a Cortina de Ferro cultural levantada pela ONU, escola de Frankfurt e a alta finança em torno dos novos tabus de nosso tempo, que minam as raças humanas, o nacionalismo, o patriarcado, a genética, a tradição, a eugenia, a identidade, a desigualdade natural, as diferenças entre sexos, a agressividade, o direito a legítima defesa, a disciplina, a autoridade, a hierarquia e o instinto territorial - assim, geopolítico - de povos inteiros, incluindo de alguns que "em teoria" haviam ganho a II Guerra Mundial. Enquanto esta repressora cortina de ferro persiste no imaginário coletivo dos povos europeus-étnicos (não só na Europa, mas também na América Norte, América Ibérica, Austrália e África do Sul), nossos povos retrocederam e perderam poder, enquanto que todos os demais povos do mundo avançaram simplesmente ocupando o vazio criado. Uma Eurásia forte nunca será possível se a primeira metade de seu nome, que representa a cabeça do continente, está sequestrada por uma cultura debilitante, enferma e autodestrutiva. A Europa tem que se deixar despertar ao fato de que o mundo é um lugar cada vez mais turbulento, e defender como qualquer potência digna de tal nome, seus malditos interesses, tanto econômicos e estratégicos como étnicos, reprodutivos, demográficos, culturais e militares. E isso não é possível com a atual Europa dos lojistas, mercadores e usurários, que nos tem convertido num continente de consumistas e escravos de escritórios dispostos a aceitar sem resmungar a estratégia globalista criminal dos parasitas covardes entrincheirados nas torres de marfim da Alta Finança.

No pensamento politicamente correto prevalecente atualmente, as fronteiras existem só no papel, a velha Europa representa uma cultura de vencidos abatidos, de perdedores, de tristes burocratas e burgueses sem substância, e os europeus, cada vez mais idosos e esterilizados, não só devemos deixar-nos colonizar pelo resto das raças do planeta, mas que além disso devemos pagar sua estadia e subsidiar com nosso trabalho a multiplicação indefinida destas raças, mesmo à custa de extinguirmos a nós mesmos e de desgastar os recursos do planeta. O resultado final será uma África africana, uma Ásia asiática... e uma Europa, América do Norte, América Ibérica e Oceania habitadas por uma raça híbrida, maleável, desorganizada, sem consciência coletiva e de manutenção barata, que proporcionará a base social da Nova Ordem Mundial planejada durante séculos pela alta finança. Goste ou não, a dissolução da raça branca gerará - e já está gerando - uma enorme instabilidade global, depois do que se produziria o definitivo advento de Globalistão.

Para alcançar este fim, o instinto natural de sobrevivência e de auto-preservação, consubstancial a qualquer animal, está sendo retirado meticulosamente da humanidade europeia. Se segundo Mackinder, a "virilidade" de um povo era (junto com o "equipamento" e a "organização") o fator mais importante na hora de julgar seu potencial, está claro que os povos europeus estão sendo castrados de sua masculinidade natural - que em outros tempos era muito forte - e despojados de sua herança patriarcal. Isto se traduz imediatamente em uma suavidade na luta contra o crime, especialmente organizado, e na efeminação da política tanto interior como exterior de nossos Estados.

Qualquer intenção de romper esta nova cortina de ferro psico-cultural, este novo cordão sanitário de balcanização mental, será imediatamente tachada pela "comunidade internacional" e pelos agentes tanto voluntários quanto involuntários da globalização

capitalista-financeira neoliberal, como intolerância, nacionalismo, militarismo, racismo, fascismo, nazismo, obscurantismo medieval, conspiranoia e outra duzia de substitutos modernos do temido rótulo de "herege" de outros tempos, criados na realidade para remover qualquer debate. Mas o eixo permanece no qual os europeus étnicos estão sendo submetidos, com nosso próprio trabalho, a um plano global de disgenesia e limpeza étnica branda que dizima nosso *manpower* enquanto que nos hipnotiza a base de consumismo e entretenimento. Isto sugere, por sua vez, que os europeus étnicos somos um obstáculo para os geoestrategistas da globalização que não se consideram atados a um solo nem a um sangue, mas ao dinheiro e ao poder, e que atuam através de lobbies, ONGs, seitas, fundações privadas, serviços de inteligência, *think-tanks* e agentes destas organizações em universidades, empresas, exércitos, municípios, meios de comunicação e outros organismos tanto privados quanto públicos - incluindo uma infinidade de governos. Quem romperá esta cortina de ferro, muito mais sutil e insidiosa?





NOTAS

[1] Lord Carrington também se destacou apoiando, financiando e armando o movimento mujahideen (antepassado dos talibãs) que, baseado no Paquistão, lutava contra a influência soviética no Afeganistão. Os mujahideens, comparáveis aos khmers vermelhos de Pol Pot, atacaram objetivos civis no Afeganistão, destruindo 1.800 escolas, 40 hospitais e 110 centros de primeiros auxílios, pondo fim a influência modernizante que exercia a URSS sobre o país.

[2] *"British Foreign Policy Since 1870"*, Will Podmore, 2008.

[3] Mais informações em:

<http://chinese.larouchepub.com/en/node/564>

<http://deanhenderson.wordpress.com/2011/08/10/the-worlds-dirtiest-bank-hsbc/>

[4] Ver em:

<http://rt.com/news/thailand-south-deadly-bombing-912/>

[5] O financiamento dos maoístas com dinheiro ilegal procedente do narcotráfico do ópio é um eixo pouco mencionado na história oficial. Na garganta de Nanniwan, província de Shaanxi, os comunistas chineses montaram em 1941 um comitê de produção de ópio a mando de Ren Bishi, em resposta ao bloqueio econômico por parte do exército japonês e pelo Kuomintang. O ópio financiou as primeiras repúblicas

soviéticas na China: Jiangxi e Yan'an. Mais informações sobre o tráfico de ópio e o movimento comunista-maoísta em:

- "New Perspectives on the Chinese Communist Revolution", *The Blooming Poppy Under the Red Sun* (Tony Saich, Hans J. Van de Ven).

- "The Blooming Poppy under the Red Sun: The Yan'an Way and the Opium Trade", (Chen Yongfa, 1995).

- "Diário de Yan'an", Peter Vladimirov.

http://www.chinauncensored.com/index.php?option=com_content&view=article&id=102:opium-saved-the-communist-party&catid=35:history-a-culture&Itemid=30

[6] Mais informações em:

<http://landdestroyer.blogspot.com.es/2011/11/burmese-pro-democracy-movement-creation.html>

[7] Mais sobre o projeto de Dawei em:

http://www.globalasia.org/V6N4_Winter_2011/Pavin_Chachavalpongpun.html?PHPSESSID=27e2e5f1eea77f9e245c911358886d55

[8] Especialmente no princípio dos anos 90, revistas como a *National Geographic* e outros meios de prestígio internacional nos apresentaram como é a vida nos subúrbios das favelas hindus, das favelas brasileiras, das favelas nigerianas e similares, descrevendo estas sociedades como "vibrantes", "vitais", "coloridas", "autênticas", "espontâneas", "alegres", "festivas", "dinâmicas", etc. Parece que o que interessa à globalização é estender esse modo de vida *austero* de felicidade na miséria, naturalizando o fatalismo conformista de rebanho e a escravatura moderna. O impacto ecológico que produz o estilo de vida das classes brancas do Ocidente não é *sustentável* em comparação com os hábitos de "reutilização dos recursos" (buscar no lixo, construir favelas a partir da folha, madeira e carros abandonados, ter filhos mesmo bebendo água cotaminada, viver de sobras) das sociedades urbanas do Terceiro Mundo. Pode ser que a globalização queira que Londres, Paris, São Paulo, Madrid, Roma, Berlim, Amsterdam, Estocolmo ou Nova York, se pareçam cada vez mais a um subúrbio proletário massificado de Calcutá, Lagos, Karachi, Cairo, Manila, Jacarta ou Cidade do México: afinal, mais mão de obra barata, o sonho das multinacionais escravistas.

[9] <http://www.engdahl.oilgeopolitics.net/print/China%20Land%20Bridge%20to%20Turkey%20Europe.pdf>

Recebido em junho de 2014.

Publicado em agosto de 2014.